

# REINTERPRETAÇÃO DOS LIMITES DO ESPAÇO HABITACIONAL: A identidade arquetípica das fachadas da Cohab Tablada

*Liziane de Oliveira Jorge*<sup>1</sup>  
*Aline de Moura Ribeiro Xavier*<sup>2</sup>  
*Nirce Saffer Medvedovski*<sup>3</sup>

## Resumo

O presente trabalho investiga a transformação das unidades residenciais unifamiliares da Cohab Tablada, localizada no município de Pelotas/RS, imbuída de uma estética universalizante e padronizada similar a inúmeras moradias de massa executadas pelo poder público no país a partir da década de 1960. O estudo examina a transformação dos limites edificados das unidades, a fachada, e suas alterações morfológicas, bem como identifica as estratégias de personalização das fachadas a partir de iniciativas dos usuários. Transcorridas as análises, foi possível reconhecer padrões morfológicos identitários que conferem originalidade ao conjunto modificado e ressignificado, a partir de uma imagem arquetípica e ancestral que remete o conceito de casa primitiva, lar e acolhimento. Complementarmente, iniciativas de personalização imprimiram familiaridade e marcas pessoais ao conjunto, de modo a promover o enraizamento e a metamorfose da estética homogeneizante inicial.

Palavras-chave: Identidade, fachadas, habitação.

## Abstract

The present work investigates the transformation of the single-family housing of Cohab Tablada, located in Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil, imbued with a universalizing and standardized aesthetics similar to the numerous mass housing executed by the government in Brazil from the 1960s. The study examines the transformation of the constructed limits of the units, the façade, and its morphological changes, likewise identifies the strategies of personalization of the façades based on the user initiatives. After the analysis, it was possible to recognize morphological identity patterns that give originality to the modified and metamorphosed housing complex, from an archetypal and ancestral image that refers to the concept of primitive home, dwelling and conviviality. Furthermore, personalization initiatives developed familiarity and personal marks to the units of the neighborhood, in order to promote the rooting and metamorphosis of the initial homogenizing aesthetics.

Keywords: Identity, facades, housing.

<sup>1</sup> Arquiteta-urbanista; Professora adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (FAURB/UFPEL); Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2014). E-mail: lizianej@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas; Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (NAURB/UFPEL). E-mail: alinemourarx@gmail.com

<sup>3</sup> Arquiteta-urbanista; Professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU/UFPEL); Doutora em Estruturas Ambientais Urbanas pela Universidade de São Paulo (1998). E-mail: nirce.sul@gmail.com

## Introdução

Falar em habitação em massa significa adentrar em uma discussão cujas bases remontam a herança da arquitetura moderna e o protagonismo do funcionalismo e da padronização. O encantamento do século XX pelo progresso tecnológico e a emergência em enfrentar os problemas habitacionais somou-se ao distanciamento dos referenciais históricos e da participação do morador no processo construtivo. Naquele momento histórico, surgiram normativas, sistemas construtivos e concepções projetuais inéditas, que tinham como objetivo primordial melhorar as condições de moradia da população, suprimir a escassez habitacional e assegurar vantagens econômicas.

A identidade do habitat em massa, segundo a trajetória das políticas habitacionais implementadas no Brasil, é homogeneizante, rígida, padronizada e uniforme. Os projetos, universalizantes, priorizam aspectos quantitativos, dimensionais e higiênicos, voltados para usuários desconhecidos, anônimos, desconsiderando usos diversificados, comportamentos e anseios dos moradores. Nesse sentido, o sujeito que habita uma moradia em massa é, inicialmente, destituído de sua natureza identitária e fenomenológica, uma vez que a casa deveria ser um reflexo da identidade cultural do morador.

O presente trabalho adota como objeto de investigação a moradia de massa, mais especificamente, investiga a configuração da Cohab Tablada, implantada no município de Pelotas a partir de 1967, e suas transformações, após quatro décadas de existência. O estudo examina a transformação dos limites edificados das unidades residenciais unifamiliares, a fachada, e suas alterações morfológicas, bem como, identifica as estratégias de personalização das fachadas a partir de iniciativas dos usuários. Transcorridas as análises, foi possível reconhecer padrões morfológicos identitários que conferem originalidade ao conjunto modificado e reinterpretado, a partir de uma imagem arquetípica e ancestral que remete o conceito de casa primitiva e lar. Complementarmente, iniciativas de personalização imprimiram familiaridade e marcas pessoais ao conjunto, de modo a promover o enraizamento e a metamorfose da estética homogeneizante inicial.

O trabalho situa o leitor acerca da atuação da Cohab em Pelotas, enfatizando a sua transformação a partir do espírito do tempo. Prossegue com a assimilação dos conceitos de personalização, identidade e arquetipo, de modo a amparar os resultados focados nas alterações das fachadas e seus instrumentos identitários. A metodologia é oriunda de trabalho de campo, com análise de uma amostra de fachadas expressivas do conjunto a partir de relatório fotográfico, redesenho e confecção de diagramas. Por fim, são identificadas as estratégias morfológicas e simbólicas de personalização das fachadas, de modo a comprovar a diversidade de manifestações e interações, capazes de proporcionar maior satisfação, amparo físico e emocional dos moradores com o habitat.

## O BNH e a Cohab Tablada

Segundo Chiarelli (2014), logo após o início do Regime Militar no Brasil, houve a criação do Sistema Financeiro da Habitação (SFH), através da Lei Federal Nº 4.380/64, com o propósito de coordenar a política habitacional em âmbito nacional e incentivar a construção de habitação de interesse social como solução ao déficit habitacional do país, a partir de subsídios captados na iniciativa privada. O extinto Banco Nacional de Habitação (BNH), lançado sob mesma lei, era responsável pela captação de recursos no qual, parte, tinha origem no Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e parte nas Cadernetas de Poupança. Ao instituir a correção monetária nos

contratos imobiliários, o sistema financeiro para aquisição da casa própria, a legislação possibilita a criação das Companhias Nacionais de Habitação (COHABs) nos Estados e Municípios.

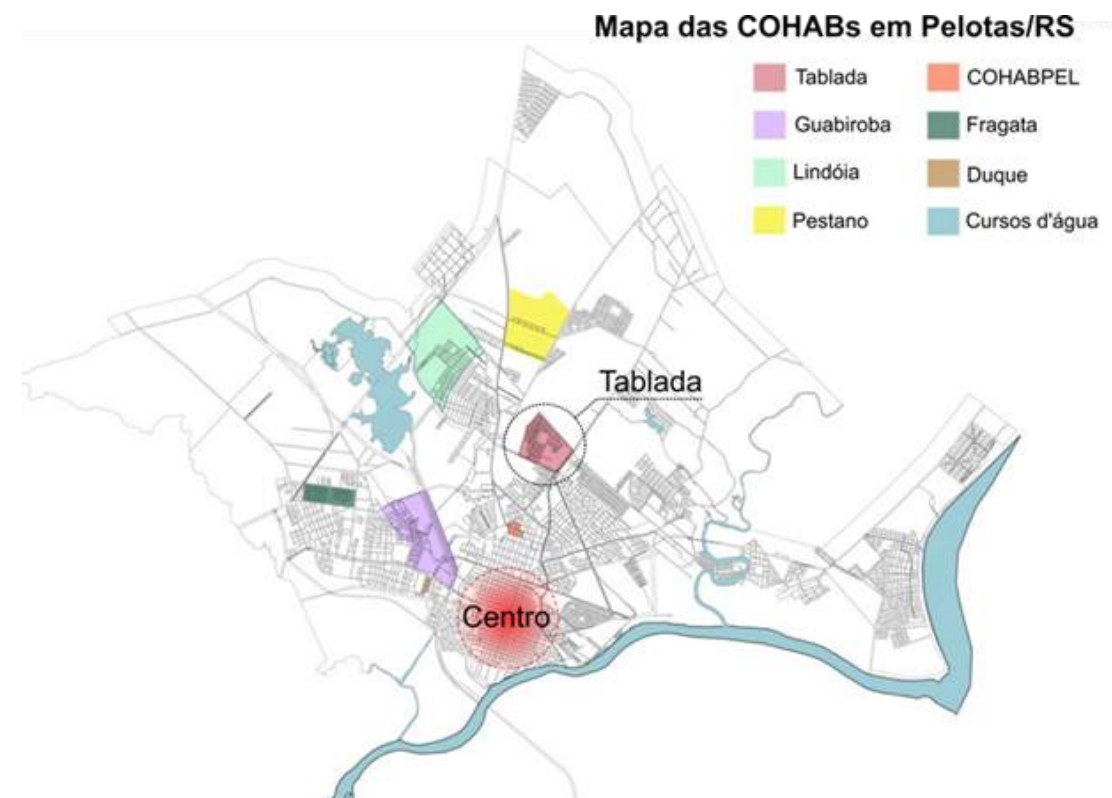
Com a evolução do Sistema, o BNH passou de Banco de primeira linha - agente responsável por investir diretamente na construção de habitações - para Banco de segunda linha, ou seja, realizava a transferência dos recursos financeiros e transmitia a responsabilidade pelas suas cobranças aos agentes. Enquanto isso, as Prefeituras executavam o processo de seleção dos futuros moradores.

O programa, que prosperou em todo o país, viabilizou a construção de 4 milhões de moradias que, inicialmente, estavam orientadas a famílias de baixa renda, com rendimento mensal de até três salários mínimos, entretanto, o limite foi ampliado posteriormente para cinco salários mínimos (SILVA e TOURINHO). As Companhias Estaduais e Municipais de Habitação (COHABs), voltavam-se para concepção de conjuntos habitacionais de massa, que podem ser interpretados como “uma forma de habitação particular, caracterizada, de modo geral, por conter um grupo de casas, inicialmente padronizadas, de construção do tipo vertical (apartamentos) ou horizontal” (SILVA e TOURINHO, 2015, p.403).

Segundo Lucini (2003), a homogeneização tipológico-produtiva é um fato incontestável na habitação produzida no país através da política do BNH, nas décadas de 70 e 80. O Programa chegou a um excessivo grau de padronização, de tal modo que dispensou a necessidade do projeto arquitetônico e urbanístico, chegando a repetir milhões de unidades com tipologias básicas idênticas, independentemente da localização geográfica, das condições climáticas e do perfil demográfico e cultural do usuário.

As consequências da massificação, da monotonia, da tipificação, da funcionalidade excessiva e da uniformidade em projetos de habitação provocaram uma reação ao movimento moderno, especialmente a partir da década de 1960, que culminou na valorização dos conceitos de flexibilidade, participação, personalização e autonomia. Pensadores e arquitetos de vanguarda se posicionaram através de experimentações, críticas e teorias de resgate às necessidades individuais, à personalização, à multiplicidade de usos e à identidade. São emblemáticas as experiências do estruturalismo holandês de Herman Hertzberger, dos projetos participativos de Lucien Kroll e Ralph Erskine, dos visionários Yona Friedman e Cedric Price, das utopias do grupo Archigram, das investigações do *Open Building* e da *Teoria do Suporte* de Habraken, bem como das experiências de autoconstrução, autogestão e mutirão em habitação social, que inspiram a busca por novos rumos projetuais até hoje.

No caso da cidade de Pelotas, os conjuntos habitacionais da COHAB foram inseridos em parcelas periféricas da malha urbana, estabelecendo uma tendência na forma de crescimento urbano e de ocupação do território (Figura 01). A construção desses empreendimentos, próximos às áreas ociosas, promoviam a atração da população para essas áreas. No entanto, esses loteamentos não foram suficientes para resolver o problema da habitação e da ocupação de áreas marginais. Além disso, algumas áreas sofreram processos de degradação, e conseqüentemente reproduziram problemas de marginalização, segregação social e espacial, ausência de vida social espontânea e orgânica e privatização da vida cotidiana.



Na COHAB Tablada foram promovidas aproximadamente 1500 unidades residenciais unifamiliares entre as décadas de 1960 a 1970. Construída em etapas, a primeira fase data de 1967, embora sua construção tenha sido finalizada em 1977. Caracterizava-se por casas térreas, com recuos frontais e laterais - isoladas no lote - e apresentavam telhado duas águas, denotando uma simplicidade construtiva usual em empreendimentos populares do tipo unifamiliar (Figura 02).



Após mais de quatro décadas, percebe-se a modificação dos limites do espaço doméstico original e a reinterpretação da moradia a partir de iniciativas espontâneas de particularização das unidades e, conseqüentemente, de toda a identidade do bairro (Figura 03). Esse fenômeno é resultado do processo habitacional e da ação inevitável do morador, que imprime a sua marca pessoal na obra. Como afirma Habraken (2000), “Um lar não é algo que possa ser projetado ou feito. Um lar é o resultado. O resultado do processo de morar. O último ato deste processo é o do ocupante que irá lá viver”. Para Habraken (2000), o usuário modifica as suas casas com base em motivações diversas: identidade, auto expressão e personalização; inovações tecnológicas; alterações nos perfis familiares.

Figura 1 - Inserção urbana das Cohabs na cidade de Pelotas. Fonte: dos autores, 2018.

Figura 2 - Foto original da Cohab Tablada. Fonte: MEDVEDOVSKI, 1998, p. 163.



Figura 3 - Fotografia unidades residenciais da Cohab Tablada. A primeira casa mantém a configuração estética original. Fonte: dos autores, 2018.



Pode-se afirmar que os usuários da Cohab Tablada adotaram uma atitude proativa diante do espaço habitacional homogêneo, assumindo espontaneamente o seu livre arbítrio e a apropriação espacial da casa, imprimindo uma linguagem própria e identitária ao conjunto. Os usuários são os agentes responsáveis pela reinterpretação da imagem urbana do bairro, capazes de desenvolver manifestações espontâneas, imprevisíveis e naturais. São promotores da adaptabilidade e da particularização do espaço residencial, permitindo expressar suas características na redefinição visual da sua residência, em especial, na personalização da fachada.

### A fachada enquanto fronteira

Pensar as fachadas enquanto fronteira é reconhecer os limites impostos pelo “entre”, pela dimensão morfológica que dicotomiza o elemento fechado e aberto, o dentro e fora, o interior e exterior. A fronteira, na arquitetura, é definida por tipos mórficos diversos, que demandam um esforço analítico para compreender a característica dos perímetros que delimitam os lugares, bem como a sua permeabilidade, modificada pela presença das aberturas e pelos códigos incorporados (HOLANDA, 1990, p. 91).

As fachadas são elementos multifuncionais que sofrem influência das condições físicas, sociais, culturais e tecnológicas. Responsável pelas vedações verticais que envolvem o edifício, a fachada é o elemento de separação do ambiente exterior do espaço interno de permanência prolongada dos indivíduos. Desde a gênese da arquitetura, as fachadas e os demais elementos de vedação exterior do edifício desempenham o princípio básico de abrigar o homem, protegê-lo contra os inimigos e “sanar certas insuficiências do ambiente natural” (SILVA, 1994, p. 88). Além dos propósitos básicos desempenhados pela fachada, podem-se conciliar as funções de ventilação e iluminação relacionada aos espaços interiores, e a interlocução visual entre os espaços situados do lado de dentro e de fora, do universo de domínio privado e do meio público.

A fachada é o elemento máximo de comunicação do edifício com o observador, é a aparência da obra perante o mundo exterior, é a acessibilidade ou o obstáculo arquitetônico. Segundo Arnheim (2001, p.178) a fachada “cria a abrupta justaposição de dois mundos [...] separados por barreiras arquitetônicas”. Segundo Jorge (2014, p.433),

o termo fachada, derivado do latim *facies*, representa a face, o rosto, a revelação da edificação, com especial atenção para a

sua porção frontal. A fachada, além de desempenhar as funções de proteção, carrega códigos estéticos e culturais próprios a cada período histórico correspondente, evidenciando técnicas construtivas vigentes em cada sociedade, coletividade ou grupo social. A fachada pode ser um elemento de linguagem com grande influência sobre os indivíduos, cuja ornamentação e elementos decorativos são capazes de desempenhar um papel pedagógico, educativo e persuasivo.

### Identidade e personalização

A partir do desenvolvimento da interpretação e de construção de significados, a percepção ambiental desempenha um importante processo de apropriação e de identificação dos espaços e ambientes. Segundo Altman<sup>4</sup> (1970, apud HIGUCHI e THEODOROVITS, 2018) existe um padrão de conduta, seja intencional ou não, por parte de um grupo ou de uma pessoa, para a apropriação e posse de um lugar. Essas condutas implicam na personalização, sinalização e defesa de um território ocupado. Conforme o senso de apropriação e de apego vão sendo construídos, os processos de vivência promovem características de pertencimento e identidade de lugar. Com a produção do espaço para viver, grupos e pessoas controlam o acesso entre os “de dentro” e os “de fora”. A habitação é caracterizada como um território primário, onde os usuários classificam o espaço como refúgio pessoal, apresentando função íntima. As marcas personalizadas identificam atitudes, valores e expressam a personalidade de um indivíduo ou grupo familiar.

Na visão de Bauman (2005, p.44), a identificação é uma categoria poderosa de estratificação, logo, identidades aplicadas ou impostas por outros são instrumento de opressão, pois estereotipam, desumanizam e estigmatizam. A manifestação de preferências e desejos é um ato de libertação, coragem e confiança. Do mesmo modo, Tuan (1983) afirma que o conceito de enraizamento, que pressupõe a afetividade com o lugar, é construído a partir do espírito do tempo, condição que faz com que o indivíduo perceba o ambiente de maneira familiar e incorpore significado aos lugares.

Habraken (2000, p. 35) afirma que a necessidade de identificação e reconhecimento de si mesmo é uma realidade que se apresenta nas escolhas cotidianas do indivíduo, seja no vestuário, nos objetos pessoais ou no mobiliário de uma casa. Do mesmo modo, afirma que essa necessidade desempenha um papel importante nas escolhas do espaço habitacional e que todas as melhorias realizadas no espaço físico são motivadas pela necessidade de identificação:

A necessidade de identificação determina o lugar de si mesmo na sociedade. [...] Os edifícios, em especial as residências, sempre foram usadas como meio de autoexpressão e os proprietários de uma moradia sentem necessidade de personalizar o seu ambiente (HABRAKEN, 2000, p. 35).

As necessidades de identificação, segundo Habraken (2000) são resultado de uma amálgama de fatores que associam modificações no estilo de vida e nas estruturas familiares e sociais, novos contatos culturais, disponibilidade de novas tecnologias e novas ideias. Nesse rol, destacam-se ações de reforma com ampliação, modernização,

<sup>4</sup> ALTMAN, I. *The environment and social behavior: privacy, personal space, territory, crowding*. Altman, I. (1975). *The environment and social behavior: Privacy, personal space, territory, crowding*. Monterey, Calif: Brooks/Cole, 1975

adaptabilidade e ornamentação. Essa última se reflete na decoração e no revestimento do plano vertical, e para Stern (2006, p, 120) “a parede decorada responde a uma necessidade inata do homem de elaborar e articular os elementos de um edifício relativamente à escala humana”.

Para Falagán, Montaner e Muxi (2011), a moradia do século XXI deve ser capaz de abrigar a diversidade de arranjos familiares da contemporaneidade, as novas demandas laborais em associação ao espaço doméstico, a heterogeneidade social e a identidade de cada grupo familiar. A flexibilidade é um pilar essencial para a diversidade necessária de tipos habitacionais, com hierarquia mínima do espaço, para que cada grupo familiar possa se apropriar de maneira particularizada da unidade. Para os autores, “a relação do ser humano com o hábitat sempre esteve marcada pela necessidade de personalização do ambiente” (FALAGÁN, MONTANER e MUXI, 2011, p. 51), e diante de uma realidade cada vez mais mutável, é necessário pensar em novos dispositivos que ofereçam alternativas as já conhecidas estratégias convencionais para a família tipo, considerando a complexidade da realidade. O conceito da moradia aberta é novamente resgatado, a partir da concepção de uma casa concebida como suporte para as demandas do futuro, capaz de receber melhorias de toda ordem: incorporar novos acabamentos; aparatos de conforto ambiental; aumento das instalações; equipamentos modernos; e permitir aos ocupantes imprimir a sua marca pessoal.

O projeto de habitação social do bairro PREVI (Proyecto Experimental de Vivienda), em Lima, no Peru, é emblemático ao explorar o conceito de residência urbana popular como entidade aberta, afirmando a casa como processo aberto e indeterminado, em que o controle da construção e a participação do usuário são diretrizes prioritárias. O plano geral, de 1968, segundo GARCÍA-HUIDOBRO, TORRITI, e TUGAS (2008), emprega os conceitos de casa compacta, alta densidade, tecnologia inovadora de construção e possui a assinatura de arquitetos famosos em âmbito internacional, como James Stirling, Aldo Van Eick, Christopher Alexandre, Kurokawa, e outros arquitetos peruanos. Sua particularidade persiste na antecipação de estratégias futuras de flexibilidade, ampliação e adaptabilidade das unidades, entretanto, após quatro décadas, a previsibilidade e a integridade da habitação, asseguradas por um guia espacial e técnico para as ampliações, foi abandonado por uma espontaneidade coletiva que norteou as ações de transformação e identidade conforme as necessidades dos habitantes se impunham. A imagem exterior do conjunto se modificou ao longo do processo de transformação, e as qualidades plásticas e formais foram modificadas com ações de particularização que refletem maior complexidade tipológica, ornamentação, acréscimo de terraços e outras extensões construtivas, escadas, usos comerciais e de serviços, varandas e telhados.

A partir dos argumentos e conceitos apresentados, o trabalho busca identificar, à luz do espírito do tempo, os códigos estéticos produzidos pelos usuários na arquitetura popular da COHAB Tablada do município de Pelotas/RS, identificando símbolos e códigos construtivos das fachadas residenciais que se relacionam ao sentido de pertencimento, enraizamento e identidade e, conseqüentemente, ao bem-estar dos usuários e à familiaridade com o lugar.

### O conceito de casa arquetípica

Com frequência são utilizados os termos casa e lar com a mesma sinonímia. Casa pode-se definir enquanto espaço construído, edifício destinado a habitação humana, condizente ao modo de vida dos usuários e às características climáticas do ambiente onde está instalada.

Para Rykwert (2003, p.41), a magnificência da arquitetura é dada pela aproximação da pequena cabana primitiva - a simplicidade de execução - com a verdadeira perfeição alcançada. A construção da cabana primitiva, para Laugier, era a remediação para as condições inconvenientes das intempéries, como o sol muito quente e a chuva insuportavelmente úmida. A construção era feita a partir do tronco das árvores que sugerem a ideia de colunas, na qual as cavernas e as florestas eram modelos nocionais, juntamente com as peças horizontais apoiadas nelas, que seriam os entalhamentos. E finalmente, os elementos inclinados que formam o telhado e resultam na ideia do frontão. Dessa forma, a mediação entre a natureza e a arte acontecia através do instinto e da razão agindo em uníssono. Sendo assim, a cabana primitiva de Laugier era produzida exclusivamente pela necessidade, concebida pela genuína destilação da natureza. A partir disso, houve a estruturação da teoria da arquitetura ancorada solidamente na natureza, que satisfazia as exigências da razão.

Complementarmente, a interpretação da casa enquanto lar é emblemática, ancorada nas relações essenciais desenvolvidas no cerne familiar, e a lareira é o elemento simbólico que permite reforçar essa relação:

A palavra lar é uma corruptela de lareira. A lareira primitiva que faz do seu fogo o elemento inseparável da cabana rústica. O fogo que reúne ao seu redor todos os integrantes de um laço familiar, sendo, de um modo figurativo, um manto que aquece e une a todos num mesmo instante. A identificação do fogo está presente nas cabanas rústicas como o elemento mais semelhante à vida. O fogo cresce, move-se, aquece, destrói e é quente, uma das qualidades fundamentais associada à vida humana (MIGUEL, 2002).

O significado da arquitetura envolve a temporalidade e o reconhecimento dos ecos do passado, enquanto atributo qualitativo, acarretando um significado para o coletivo e um propósito social.

As construções humanas têm a tarefa de preservar o passado e nos permitir experimentar e compreender o continuum da cultura e da tradição. Não existimos apenas na realidade espacial e material, também habitamos em realidades culturais, mentais e temporais (PALLASMAA, 2018, p. 13).

O *continnnum* da tradição fornece os fundamentos dos quais surge todo o significado humano (PALLASMAA, 2018, p. 85).

Para Pallasmaa (2018, p. 86), a tradição não deve ser valorizada enquanto um aspecto nostálgico pelo passado, mas como uma “corporificação da essência da tradição e identidade cultural como condições necessárias para uma criatividade significativa”. A manutenção dessa essência das tradições representa, em seu significado mais profundo, a promoção de uma identidade humana e cultural, fruto de um acúmulo histórico e temporal que acaba por oferecer uma direção confiável para o novo.

Significativa contribuição para a compreensão do conceito de arquétipo é escrutinada por Jung (2000, p.16), ao relacionar os seus conteúdos ao inconsciente coletivo, referente aos tipos arcaicos e primordiais de imagens universais que existem desde os tempos mais remotos. Nesse sentido, o simbolismo da casa primitiva e a sua condição arquetípica é determinada pela pregnância da forma no inconsciente coletivo.

Para Jenks (2010, p.766), “a noção de arquétipo gerador é subjacente a uma imensidão de trabalhos fundamentalistas, e isso mantém-nos primitivos”. O autor relaciona a noção de arquétipo ao regresso das formas tradicionais sem apelar explicitamente às regras



eruditas do classicismo, mas ao uso de elementos e formas universais, arquetípicas, como sólidos platônicos, axialidades, simetrias, frontões simples, e ideias clássicas, como o “coração da casa” ou o “frontispício” (Jenks, 2010, p. 766).

Neste trabalho, o frontão assume a forma arquetípica essencial enquanto transposição para a identidade da habitação unifamiliar, pela sua simplicidade e primitivismo. Para Summerson (1994), o conceito ampliado de frontão assume analogias explícitas com as origens do templo clássico e com as suas variações:

Área triangular definida pelos beirais inclinados da cobertura e a cornija de um templo ou de um edifício clássico. Tudo indica que o termo em inglês, *pediment*, seja uma alteração de *periment*, palavra encontrada em relatos ingleses do século XVI e talvez derivada do francês *parament*, que significa revestimento ou fachada. [...] Possuem grande variedade de formas, como, por exemplo, o “frontão segmentar” com topo curvo e o “frontão quebrado” cujos lados inclinados retornam antes de alcançar o vértice. O mesmo que empena (SUMMERSON, 1994, p. 131).

### Metodologia

O desenvolvimento do trabalho ocorreu com visitas de campo e registros fotográficos das fachadas sequenciais das casas do bairro Cohab Tablada, ao longo de 2018. A identificação das estratégias de composição formal das fachadas foi extraída a partir da sobreposição das imagens digitais das unidades e do redesenho dos limites edificados da unidade original, em vista ortogonal. Desse modo, ao justapor os contornos da casa original e da casa modificada, são evidenciadas inúmeras operações de transformação morfológica empregadas pelos moradores, destacadas através de diagramas sobre a foto das fachadas.

A personalização é constatada pelo acréscimo cromático na forma de diagramas de elementos presentes em destaque nas fachadas, através de sobreposição às imagens originais do conjunto, de feições mais simplificadas.

Após o exame das alterações morfológicas e da personalização, foram identificadas as estratégias recorrentes que imprimem significado e familiaridade ao conjunto, transcendendo o modelo originalmente uniforme e anônimo.

### Resultados e Discussões

Os resultados apontam o fenômeno de persistência arquetípica e predileção pelas feições identitárias do bairro residencial unifamiliar idealizado, de cunho tradicional e ares de bucolismo. Soma-se a familiaridade dos atributos estéticos e formais presentes na casa arquetípica, de modo que a comunidade é responsável pela promoção de uma identidade tradicional e congênere das fachadas. Apesar das intervenções de personalização, que conferem identidade e distinção às fachadas, as ações de transformação da concepção formal e compositiva das unidades residenciais, quando acontecem, estabelecem uma relação de integridade e identidade em relação ao conjunto, ou seja, é possível reconhecer, mesmo nas intervenções de reforma e reconstrução, a potencialização das características formais mais expressivas desse modelo arquetípico: presença do telhados duas águas ou de variações similares que reforçam o plano oblíquo da fachada e o simbolismo da forma primitiva da habitação; reforço do arremate dos beirais; emprego de telhas cerâmicas vermelhas, de analogias

explícitas ao barro e à manipulação primitiva e manual do artefato; destaque cromático do frontão triangular; acréscimo de lareiras (Figura 04), símbolo do fogo, do acolhimento do lar, da espiritualidade e da congregação doméstica; e visibilidade favorecida pelo acréscimo de muros baixos e limites transparentes na porção frontal do lote.



Figura 4 - Lareiras acrescidas às fachadas das unidades residenciais. Fonte: dos autores, 2018.

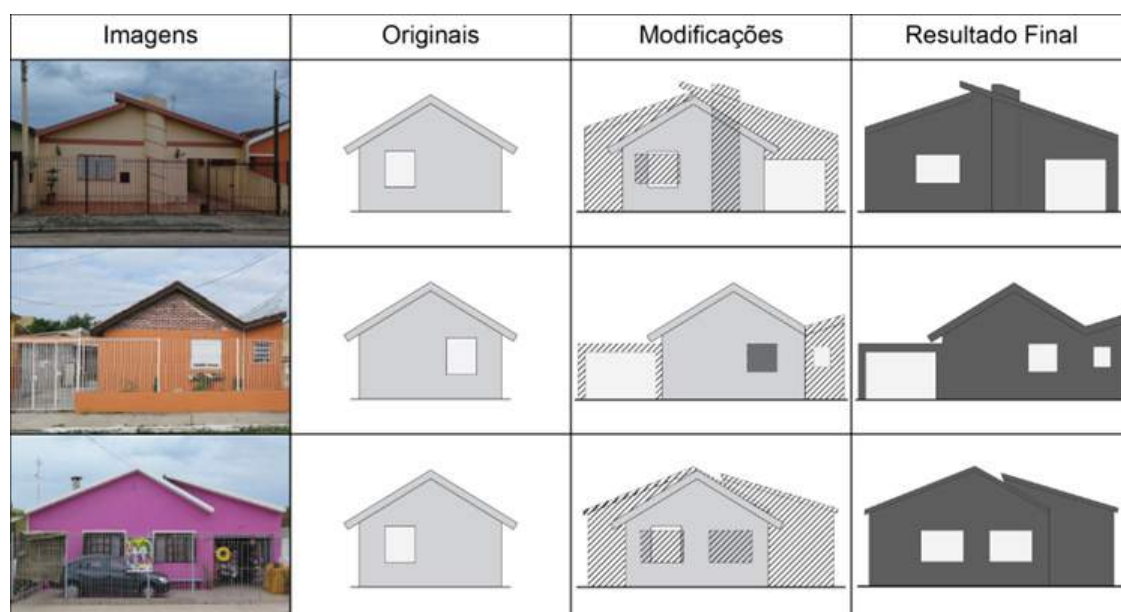
### Estratégias de modificação formal identificadas

As estratégias de modificação formal (Tabela 01) se referem às alterações na composição formal da edificação que despontam na fachada principal (Figura 05), com alteração dos limites edificados, prolongamentos, acréscimos e demolições. Foram identificadas as estratégias recorrentes que reforçam a identidade arquetípica da casa primitiva, expressa pela simplicidade dos elementos e formas universais.

Tabela 1 – Estratégias formais identificadas.  
Fonte: dos autores, 2018.

Estratégias de modificação formal	Operações empregadas
Substituição do telhado	Substituição do plano da fachada principal e do telhado da unidade, com nova angulação, que mantém, apesar do processo de reforma, a mesma relação formal da casa original, com o telhado em duas águas.
Prolongamento do telhado	Reformas na fachada com prolongamento dos telhados, mantendo a legibilidade da composição formal em duas águas.
Acréscimo em planos deslocados	Acréscimos edificadas em plano deslocado, sem interferências ao núcleo original, que pode ser apreendido pela sequencialidade dos volumes e manutenção do núcleo original. Os acréscimos construtivos situam-se, predominantemente, na parte posterior do lote, favorecendo a manutenção do volume original no primeiro plano visual.
Emprego de telhas cerâmicas	Emprego de telhas cerâmicas, com feições artesanais e símbolo de tradição no espaço doméstico.
Acréscimo de lareiras adossadas às fachadas	Presença de lareiras adossadas às unidades, despontando verticalmente no plano frontal ou superior, ultrapassando os telhados. Elemento simbólico representativo do acolhimento doméstico.
Aberturas casuais niveladas	Execução de novas aberturas, para modificação ou acréscimo de janelas e acessos de vagas de garagem. Aparecem isoladas ou aos pares e são, preferencialmente, niveladas por cima, no mesmo alinhamento superior.

Figura 5 – Diagramas das estratégias de composição formal.  
Fonte: dos autores, 2018.



### Estratégias de personalização identificadas

As estratégias observadas na personalização (Tabela 02) se referem às diferentes formas de emprestar características identitárias ao revestir ou ao dar forma a um elemento, como uma estratégia de expressão que define e demarca a sua singularidade, por meio de elementos simbólicos. São realçadas as estratégias que incidem sobre o plano vertical da fachada frontal das unidades, e os ornamentos que reforçam a autoexpressão da obra e, conseqüentemente, anulam o purismo original das casas idênticas.

Essa relação identitária, de personalização da obra, como a expressão do próprio ser e a consideração da envoltória como um corpo a ser paramentado, é proeminente da narrativa de Rodrigues (2009, p.59):

Cada corpo tem uma identidade própria. Escolher um material para revestir ou dar forma a um elemento é caracterizar um corpo, é eleger uma expressão que o define e o demarca como algo específico. Se dar forma é estruturar algo, revestir é criar uma superfície, uma camada que se sobrepõe ao suporte e que medeia a relação com o outro. É emprestar características, mais ou menos temporárias, mais ou menos duradouras, mais ou menos únicas.

Estratégias de personalização	Operações empregadas e significados
Acréscimo de lareiras	Lareiras acrescentadas nas fachadas e destacadas por cores, texturas ou revestimentos; Símbolo do fogo e do acolhimento doméstico.
Destaque cromático do "frontão"	Destaque para o frontão da fachada, realçado através de texturas, revestimentos e contraste de cores. Referência simbólica clássica.
Marcação dos Beirais	Destaque cromático de marcação dos beirais, reforçando a presença do telhado em duas águas.
Unidade cromática	Personalização por alteração de cor, como manutenção da forma arquetípica.
Variações cromáticas pontuais em aberturas	Reforço do caráter unitário da obra.
Texturas	Presença de texturas em pequenos trechos da fachada, reforçando detalhes expressivos, como frontões, faixas horizontais ou verticais, elementos em níveis distintos (como lareiras). São aplicados em pedras naturais e revestimentos cerâmicos.

Tabela 2 – Estratégias de personalização e significado.  
Fonte: dos autores, 2018.



Figura 6 – Diagramas das estratégias de composição formal.  
Fonte: dos autores, 2018.





### Considerações finais

A paisagem do núcleo habitacional da Cohab Tablada é caracterizada pela suposta homogeneidade morfológica da habitação em massa, que retrata a história de enfretamento ao *déficit* habitacional e das condições de moradia da população da cidade de Pelotas/RS. As fachadas, inicialmente estandardizadas, exprimem hoje a sua temporalidade, à luz de uma materialidade reinterpretada a partir de preferências e gostos individuais que se reverberam em todo o conjunto constituído por milhares de casas. A partir de mudanças e necessidades sociais, culturais, tecnológicas e comportamentais, por espontaneidade dos usuários, foram promovidas inúmeras interações no espaço doméstico, que reforçaram os laços de familiaridade e enraizamento com o espaço habitacional e conseqüentemente, com o bairro. A linguagem das fachadas anuncia o espaço do habitar como o lugar do acolhimento, do lar, condição fortalecida pelo conceito de imagem arquetípica e ancestral do conjunto, remetendo à gênese do conceito de casa primitiva, resgatada consecutivamente por teóricos da arquitetura ao longo dos séculos. Nesse sentido, a analogia com a casa primitiva e seu conceito remete à natureza morfológica da casa, ao simbolismo dos telhados inclinados e ao resgate da lareira, simbolizando o fogo, elemento relacionado ao conceito de lar, espaço de reunião, centralidade e congregação humana.

Embora a simplicidade do telhado em duas águas já estivesse presente desde a concepção inicial do projeto padrão da Cohab Tablada, percebe-se que há uma ampliação e consolidação de suas variações formais, como o destaque do frontão triangular e versões mais sofisticadas que se aplicam ao plano vertical como ornamentação, mesmo sem envolver cômodos internos. Esse último caso é identificado, por exemplo, em várias versões com acréscimo de novos planos verticais inclinados na fachada, posicionados lateralmente às empenas do telhado duas águas, ou em sobreposição a estes, simulando o telhado. Em essência, esses planos não abrigam cômodos privativos ou extensões construtivas, mas delimitam verticalmente garagens e áreas abertas. Complementarmente, acredita-se que a noção de arquétipo tenha norteado o projetista durante a concepção do projeto original, e não os critérios econômicos, uma vez que o telhado original foi todo executado em madeira de lei e telhas cerâmicas de boa qualidade.

Acredita-se, ainda, que a adequação das unidades às melhores condições de conforto ambiental tenha sido determinante para a inserção das lareiras que despontam na fachada, valorizadas, posteriormente, seja como símbolo de status como de acolhimento, remetendo à cabana primitiva e às origens do lar.

Os usuários buscam expressar suas identidades na fronteira entre o público e o privado, expondo a face da habitação. Com isso, emprestam suas características ao revestir ou dar forma a um elemento, utilizando estratégias de linguagem que definem e demarcam uma personalidade. As escolhas dos materiais se adequam com o desenho

da sua forma e com a natureza de sua utilização, ou seja, há uma coesão que promove identidade própria, a partir das influências das condições físicas, sociais, culturais e tecnológicas.

O isolamento e a prescrição impostos pela herança da modernidade são condições que fragilizam a relação entre o indivíduo e o *habitat*, e precisam ser superadas, pois a liberdade, a imprevisibilidade e as mudanças são, hoje, paradigmas fundamentais para garantir a satisfação do usuário e a qualidade residencial.

### Referências bibliográficas

- ARNHEIM, Rudolf. *La forma visual de la arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001, p.178.
- BAUMAN, Zygmund. *Identidade*. Entrevista a Bendetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHIARELLI, L. M. A. *Habitação social em Pelotas (1987 - 2010) influências das políticas públicas na promoção de conjuntos habitacionais*. 2014. 345f. Dissertação (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- FALAGÁN, David H; MONTANER, Josep Maria; MUXI, Zaida. *Herramientas para habitar el presente. La vivienda del siglo XXI*. Barcelona: Actar D, 2011.
- GARCÍA-HUIDOBRO, Fernando; TORRITI, Diego Torres; TUGAS, Nicolás. *El tiempo construye! Time builds!* Barcelona: Gustavo Gili, 2008.
- HABRAKEN, N. J. *El diseño de soportes*. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.
- HIGUCHI, M. I. G.; THEODOROVITS, I. J. *Territorialidade(s)*. In: CAVALCANTE, S; ELALI, G. *Psicologia Ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HOLANDA, Frederico de. *Notas sobre a dimensão estética da arquitetura*. Revista de Urbanismo e Arquitetura - RUA, Salvador, v. 3, n. 4-5, p. 76-95, jun./dez. 1990. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3107>>. Acesso em nov. 2018.
- JENKS, Charles. *Classicismo pós-moderno, a nova síntese*. In: RODRIGUES, José Manuel (Coord.). *Teoria e crítica da arquitetura – Século XX*. Lisboa: Caleidoscópio, 2010.
- JORGE, Liziane de Oliveira. *Estratégias de Flexibilidade na Arquitetura Residencial Multifamiliar*. 2012.511f. Dissertação (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LUCINI, Hugo Camilo. *Habitação social. Procurando alternativas de projeto*. Itajaí: Univali, 2003.
- MEDVEDOVSKI, N. S. *A vida sem condomínio: configuração e serviços públicos*

*urbanos em conjuntos habitacionais de interesse social*. 1998. 486f. Dissertação (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. *Casa e lar: a essência da arquitetura*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 03, n. 029.11, Vitruvius, out. 2002 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>>. Acesso em nov. 2018.

PALLASMAA, Juhani. *Essências*. Barcelona: Gustavo Gili, 2018.

RODRIGUES, Sérgio A. Fazenda. *A Casa dos Sentidos: crônicas de arquitectura*. Lisboa: ARQCOOP, 2009.

RYKWERT, Joseph. *A Casa de Adão no Paraíso: a idéia da cabana primitiva na história da arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SILVA, Elvan. *Matéria, idéia e forma. Uma definição de arquitetura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1994, p. 88.

SILVA, Marlon Lima da; TOURINHO, Helena Lúcia Zagury. *O Banco Nacional de Habitação e o Programa Minha Casa Minha Vida: duas políticas habitacionais e uma mesma lógica locacional*. *Cad. Metrop.* São Paulo, v. 17, n. 34, p. 401-417, Nov. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-99962015000200401&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962015000200401&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em Nov. 2018.

STERN, Robert. A. M. *Novos rumos da moderna arquitetura norte-americana. Pós-escrito no limiar do modernismo*. In: NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SUMMERSON, Jonh. *A linguagem clássica da arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.